



Atavismo e mistificação na política brasileira recente

Glauber Lopes Xavier¹

Resumo

Trata-se de uma breve reflexão, na forma de ensaio, sobre o atavismo religioso, em suas expressões messiânicas e milenaristas, na política brasileira recente. Versa sobre a ascensão do mito-presidente, ou presidente-mito, ao poder por meio da eleição de Bolsonaro, especialmente o caráter simbólico sacrificial em torno do ataque à facada sofrido pelo então candidato durante a campanha. Ocupa-se, ainda, da relação entre a miséria que assola parte substancial da população brasileira e as mistificações promovidas no âmbito da retórica econômica.

Palavras chave: Política, Religião, Messianismo, Brasil.

Atavismo y mistificación en la política brasileña reciente

Resumen

Es una breve reflexión, en forma de ensayo, sobre el atavismo religioso, en sus expresiones mesiánicas y milenarias, en la política brasileña reciente. Aborda el ascenso del mito-presidente, o presidente-mito, al poder a través de la elección de Bolsonaro, en especial el carácter simbólico sacrificial que rodea el atentado con arma blanca sufrido por el entonces candidato durante la campaña. También aborda la relación entre la miseria que azota a una parte sustancial de la población brasileña y las mistificaciones promovidas en el ámbito de la retórica económica.

Palabras clave: Política, Religión, Mesianismo, Brasil.

Atavism and mystification in recent Brazilian politics

Summary

This is a brief reflection, in the form of an essay, on religious atavism, in its messianic and millenarian expressions, in recent brazilian politics. It deals with the rise of the myth-president, or myth-president, to power through the election of Bolsonaro, especially the sacrificial symbolic character surrounding the stab attack suffered by the then candidate during the campaign. It is also concerned with the relationship between the misery that

¹ Professor de Economia Política da Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Temas de pesquisa: teoria marxista da dependência; América Latina; Pensamento Marxista. Email: glauberlx@gmail.com

plagues a substantial part of the brazilian population and the mystifications promoted in the context of economic rhetoric.

Key words: Politics, Religion, Messianism, Brazil.

A mendicância, tradição que se implantou com a redentora piedade colonialista, tem sido uma das causadoras de mistificação política e da ufanista mentira cultural...

(Glauber Rocha. *Eztetyka da fome*)

A facada e o mito-presidente: um “rito” sacrificial

Desde que o Brasil é Brasil considerável parte de seu povo espera por um milagre. Seja o santo milagreiro, o presidente da república ou o economista-chefe da nação, o imaginário popular deposita em alguma entidade a sua salvação. Dom Sebastião e sua mitologia religiosa conduziram a saga do trabalhador rural, sofrido e maltratado, nas provações telúricas. Trata-se de um movimento profético português cuja origem remonta ao final do século XVI. Deslocado para a Batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos, deu-se o sumiço do rei Dom Sebastião e a partir desse episódio criou-se a crença em seu retorno a fim de salvar o reino decadente de Portugal. Transposta para o Brasil, tal crença animou os surtos messiânicos e milenaristas como se sucedeu com as peregrinações de Antonio Conselheiro e a escatologia de Canudos, mas também nas batalhas do Contestado em que os discípulos do monge José Maria suplicavam pelo arrebatamento com o retorno de Dom Sebastião, expressando, dentre outras razões, a numinosidade investida na luta pela terra, comum em diversas partes do território nacional.

Lampião encarnou o mito-guerreiro do cangaço, o herói dos oprimidos do sertão. Padre Cícero tornou-se o santo milagreiro, reunindo enorme prestígio político em toda a região nordeste. Cada qual ao seu modo, Dom Sebastião, uma espécie de governante do bem, Lampião, o cangaceiro que fazia justiça com as próprias mãos e Padre Cícero, o sacerdote considerado refúgio espiritual das almas aflitas, são projeções, no tempo, do imaginário popular em torno de determinadas personagens da vida política nacional. São, para além disso, personagens de uma história cuja construção se deu sob a forja da opressão, da violência e do mandonismo local. “Neste ponto, já é possível observar que as figuras típicas do padre, do “coronel” e do padrinho (social e economicamente superior), e as dos

subalternos correspondentes, constituem a síntese de determinações externas e internas ao mundo rústico.” (MONTEIRO, 1990, p. 90). A produção cinematográfica de Glauber Rocha, especialmente *Deus e o diabo na terra do sol*, de 1964, retrata essa questão com mais riqueza que qualquer obra acadêmica. Ela terá seu espaço reservado nesse texto logo a seguir.

Hoje, uma legião de pobres, famélicos, desesperados em seus casebres, calçadas, semáforos, pontes e viadutos clama, a qualquer entidade, pelo fim de seus martírios. Mas não há mais Dom Sebastião, há uma espécie de mago, bruxo que aponta com sua vara da razão econômica e brada em alto e bom som as feitiçarias da lógica do mercado, como e quando se fará manifestado o progresso, assim como há um presidente-mito ou mito-presidente que garantiu sua eleição ao ter o ventre dilacerado por uma facada numa tarde ensolarada de Juiz de Fora. Ao contrário do sangue derramado em Pedra Bonita com o massacre dos camponeses, o sangue esguichado do bucho do “messias” foi providencial, verdadeira apoteose etérea, com cujo sangue, e com o poder das *fakes news*, selou-se o pacto de sua ascensão ao poder. Mas em ambos os casos, e com toda a licença que se deve pedir ao realizar transposição temporal de tamanha magnitude e caráter, estava contida a esperança, movida por sua vez não por razões explícitas e materiais, mas por desígnios do imaginário e pela fé.



Figura 1 – A facada em Bolsonaro no dia 6/09/2018. Fonte: El País.

De seu sacrifício, desprovido do ritual que obrigatoriamente deve acompanhá-lo segundo Mauss (2017), sagrou-se o seu favoritismo. Não morreu e por isso saiu dali diferente, não mais o profano candidato, mas o homem ungido para o lugar que o esperava, a presidência da república. O sacrifício religioso e a política caminham lado a lado. A entronização do rei era, também, uma vontade dos deuses. Por aqui, nas terras brasileiras, o mito lusitano de Dom Sebastião, a espera pelo seu retorno, a crença em sua santidade, se faz

presente de algum modo nos fenômenos da política nacional, no imaginário popular, ainda que não se revele explicitamente e, por isso mesmo, não se admita sua existência. Sacrifício-salvação, dor-redenção, pecado-perdão, estão na gênese da mentalidade judaico-cristã do homem ocidental.

Quando consideramos o Brasil, a formação da mentalidade de seu povo, é obrigatório acrescentar o rico caldeamento cultural emergido do cruzamento entre costumes, valores e tradições europeias, africanas e indígenas. Na verdade, é preciso que não seja ignorada toda a confluência violenta, prenhe de sevícias e atrocidades, que deram origem a este amálgama. No tocante à herança da teodiceia investida nos movimentos messiânicos e, de menor monta, milenaristas no Brasil, é forçoso concluir que “por detrás de tantas aparentes irracionalidades, julgadas em termos instrumentais, há uma racionalidade claramente perceptível quando se conhecem os valores que orientam as ações e lhes conferem significação.” (NEGRÃO, 2001, p. 123).

Não é obra do acaso que faca, pedra, revólver e punhal façam parte do repertório simbólico do povo brasileiro e de seu imaginário cultural, para a justiça e para a guerra, para o bem e para o mal. Na mitologia grega Sísifo rola uma pedra continuamente buscando alcançar o cume da montanha, mas de nada adianta porque a pedra sempre volta ao ponto de partida. Na saga de Manoel, de *Deus e o Diabo na terra do sol*, não se faz presente o mito, mas a desgraça nua e crua de um nordestino que, crente na redenção, sobe um monte com uma pedra sobre a cabeça em prova de seu sacrifício. Trata-se de uma dentre as várias cenas impactantes do filme. Sobre outra cena, seguinte a da subida de Manoel ao monte, e ainda sobre faca, punhal, revólver e pedra, Ismail Xavier (2007, p. 100) diz: “Na capela, ele encontra Sebastião morto, e seu rifle projeta uma sobra que compõe uma cruz com um punhal nas mãos de Rosa, fechando o círculo composto pela ação dos dois objetos, rifle e punhal, na liquidação do sonho messiânico dos camponeses.”



Figura 2 – O sacrifício de Manoel. Fonte: Glauber Rocha, 1964.

Seguindo outra liturgia, mas com semelhante propósito, o de mobilizar corações e mentes, o Deus pai, filho e espírito santo encarnado no “messias” se corporificou no mitopresidente ou presidente-mito. Ele seria o pai. O filho, aliás bastante conhecido(s) (quatro figuras pitorescas e quixotescas, os quatro cavaleiros do apocalipse) e o espírito santo, esse sim o exu tranca rua dos pobres ou o libera dinheiro dos ricos - os seus apaniguados - o senhor Paulo Guedes, cuja sapiência astrológica e quiromântica foi astuta e severamente assimilada nos corredores de Chicago e que, para atender ao deus mercado, submete o povo ao sacrifício da fome. Eis uma oblação votiva em que o alimento do mercado são as vísceras dos trabalhadores.

Essa santíssima Trindade não representa o povo, parte dele verdadeira massa de analfabetos funcionais, e, por isso, importante alvo de disseminação das assim chamadas *fake news*, assíduos frequentadores de igrejinhas neopentecostais onde se acotovelam aos finais de semana para receberem o sermão de seus adorados pastores. A santíssima Trindade representa, na verdade, a burguesia de São Paulo, banqueiros e industriais que fazem daquele estado a sacrossanta erva-daninha do solo brasileiro, preposto da burguesia internacionalizada que ali realiza seus negócios, “pois a burguesia bandeirante é leão de chácara do capital estrangeiro.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 189). E, com a conviência, diga-se de passagem,

de parte da intelectualidade, como bem nos mostra Gilberto Vasconcellos (2014), para quem certos figurões da sociologia brasileira foram incapazes de compreender o rico caldo de cultura que movimenta a dialética social nos trópicos.

De certa maneira, a crítica de Vasconcellos guarda relação com o que dissemos acerca das interpretações de alguns autores sobre o capitalismo dependente brasileiro (AUTOR, 2021) e seguramente guarda relação com o giro promovido por Glauber Rocha em seus filmes, ao dar-se conta, segundo Xavier (2007), de que o papel da religiosidade popular não poderia ser reduzido ao de mera manifestação do grau de alienação de seus adeptos. A mitologia brasileira, seu folclore, sua literatura, sua música e suas gentes são insuperáveis enciclopédias sobre o que é o povo brasileiro, como pensa e porque age de terminada forma e não de outra.

Pobre da ciência social que não se aventura, tanto mais porque a vida cá nos trópicos é uma constante aventura ou uma inarredável (des) ventura, pelos meandros da arte e do chamado conhecimento popular. Saímos de um presidente-vampiro ou um vampiro-presidente, como argutamente observou Andrade (2019), e como num torvelinho, num redemoinho, elegemos um mito-micto-mictório, que me perdoem os concretistas, ao mais alto posto da nação. Dizem que para aprisionar o diabo seria preciso entrar no redemoinho de posse de uma garrafa e de uma peneira. Entramos, mas foi o diabo que nos aprisionou. “A origem [do redemoinho], diz o povo, é o encontro de dois ventos.” (CASCUDO, 1988, p. 666). Neste caso, o vento da miséria e o vento da esperança, antagônicos, por vezes caminham juntos e, quando separados, por vezes se encontram, dando origem a verdadeiros cataclismas sociais.

Atavismo e mistificação da miséria brasileira

O vampiro sugou o nosso sangue, o mito está comendo a nossa carne. À propósito de carne, como a lei da economia de mercado explica o preço do quilo do frango, do porco ou do gado? Ousariam responder que a maior parte da produção está sendo exportada pois produzimos em grandiosíssima quantidade, temos imensos pastos e peões a preços baixos. Sim, nem tudo é mecanizado quando há trabalhadores que se vendem a preço de qualquer coisa, menos de carne. Significa dizer que não há interesse nacional, popular, que prevaleça? Isso vale para o arroz, o feijão, e qualquer outro alimento de que carece a população. Restam ossos, a quatro reais o quilo. Na ausência de carnes para alimentar carnes, roem-se ossos até o

tutano para evitar a desnutrição, a atrofia do corpo, a morte. Mas conforme alerta um supermercado: “Osso é vendido e não dado”. (G1, 2021).

Aqui, nas terras do Brasil central, onde o sol, como um rebento, a tudo ilumina e a água, que abunda, a tudo irriga, singrando matas e banhando as hortaliças e as monoculturas, o agronegócio é a reencarnação do latifúndio e da monocultura do Brasil dos novecentos, dos oitocentos, dos setecentos. Em solo tão fértil, com aquíferos gigantescos, como explicar o preço da energia elétrica, e o preço dos combustíveis? E, ainda, na ausência do gás de cozinha, cujo botijão já ultrapassou cem reais, recolhe-se lenhas para acender as fornalhas como se estivéssemos no século XIX. Tais preços são fruto de uma alienação energética, de uma submissão política a interesses econômicos internacionais. Esta alienação ocupa a relação sociedade natureza, como ocupa a nossa política, a nossa cultura e a ciência que aqui é produzida. “Desse modo, a alienação energética nas ciências sociais se confunde com a alienação econômica e com a alienação histórica e política do Brasil, transformada em uma história alienada e triste.” (VASCONCELLOS; BAUTISTA VIDAL, 1998, p. 50).

Mas é preciso que tenhamos paciência, diz o bruxo Paulo Guedes, para quem a economia brasileira estaria “bombando” e a retomada do crescimento dar-se-á por uma curva em “V”. Por suposto, afinal quando se atinge o fundo do poço, ou a cúspide de uma curva invertida, qualquer milímetro acima do abismo será um crescimento em “V”. Quanto a isso, não há diferença entre as previsões guedianas e a previsão pelas cartas, pois em matéria de economia neoclássica, aquela que enxerga apenas o mercado, suas tendências e o seu comportamento, “uma bola de cristal ou um baralho de tarô são instrumentos de previsão tanto quanto uma máquina de calcular ou um computador.” (HAGGE, 1989, p. 43).

Longe de poder compreender o Brasil, sua gente e seus costumes, a razão econômica, pretensamente objetiva, nada diz sobre os mais de 40% de trabalhadores brasileiros que vivem na informalidade. Nada pode dizer, a menos que seja tocada por algum laivo de consciência, sobre os quase 90 milhões de habitantes que padecem da fome ou insegurança alimentar. A miséria brasileira não é assunto de economia, mas de antropologia, de como esta formação socioeconômica e político-cultural concebeu e concebe o trabalho e a partilha de sua renda. Foi sob a forja da escravidão que se constituiu o nosso *ethos*. Isto significa que a produção, a riqueza, as relações sociais entre classes, o Estado, a justiça e os costumes terão no açoite e nos grilhões o seu princípio fundante.

Desvenda-se, assim, o segredo de nosso tecido social, o substrato de sua identidade, o sentido desse país e de seu povo, o qual relutantemente muitos estudiosos, especialmente economistas, a *intelligentsia-mór* do estado, não admite reconhecer: são pessoas de carne e

osso que produzem a riqueza social e, submetidas a determinadas formas de organização, poucas dentre elas se apropriam do produto que fora coletivamente criado, gestando, assim, o fenômeno da desigualdade e seus conhecidos corolários: a pobreza e a miséria. A atávica desigualdade econômica e social brasileira, com fulcro na distribuição de sua riqueza e tendo a região nordeste como lídima expressão, revela o segredo do bruxo da economia. Tal é a sua função desmistificadora.

Ela é a sova de pinhão de purga sobre o *mainstream* econômico em voga, desmascarando seu cinismo e sua desavergonhada retórica de austeridade. “No nordeste brasileiro, uma sova de pinhão de purga (*Jatropha curcas*) desarmava a bruxa de todos os seus segredos” (CASCUDO, 1988, p. 149). Sobre o poder dessa planta, cultivada por indígenas, Cascudo (1988, p. 618) diz que: “Uma *surra de pinhão* num feiticeiro ou catimbozeiro quebra-lhe o poder da magia”. Curioso notar que com a planta nativa, largamente disponível no nordeste brasileiro, é possível desfazer os feitiços da bruxa, cuja origem é europeia. Com a experiência de fome e desespero do homem nordestino, qualquer saber pretensamente universal, parido das entranhas da sanha europeia por ouro e por outras riquezas, é fatalmente questionado e contestado até as vísceras.

O drama social, agrário e urbano, a trajetória errante do trabalhador brasileiro, suas venturas e desventuras, seu constante deslocamento, as estórias dos chegantes, com esperança e resignação, reiteram, contextualizando, os mitos que figuram no imaginário popular. Muitos deles são ricas expressões de redes de sociabilidade, de formas de organização coletiva e de determinados princípios por trás da relação homem-natureza, ainda que esta separação não seja correta. A compreensão do que é ser brasileiro e do que é o Brasil passa inexoravelmente, ademais de outras coisas, pelas expressões religiosas de seu povo e o sincretismo nelas manifestadas.

Passa, também, pela sua arte, suas formas estéticas. Quanto a isso, os filmes de Glauber Rocha apontam para uma natureza bruta, crua e viva, na qual homens e mulheres se irmanam em torno de um propósito quando não são solapados pelas estruturas de poder historicamente edificadas, em geral é isto o que ocorre. Forma e conteúdo se encontram nessa expressão estética, coerente, por sua vez, com o povo sobre a qual ela versa e a partir do qual ela se manifesta artisticamente. Precisamente porque a obra de Glauber Rocha fora construída num período de acelerada urbanização e rápida industrialização, toda sorte de mistificações se apresentava diante de qualquer artista ou estudioso da realidade nacional. Glauber Rocha a engoliu e a vomitou, não a consumiu, mas a desmistificou e, como num experimento catártico, enxergou, na fome, a estética da nação. “O núcleo da reflexão glauberiana gira em

torno da função do intelectual na América Latina. Em seus filmes, a massa, ou melhor, a multidão – se não está politicamente imobilizada – encontra-se sob os influxos do transe místico.” (VASCONCELLOS, 2001, p. 164).

Assim como a obra de arte, e tal era a crítica de Glauber Rocha aos rumos do cinema nacional, dada a americanização de nossa cultura e sua influência sobre os gostos, costumes e hábitos dos brasileiros, aquilo que se pretendia ciência ou científico também revelava um divórcio completo com a realidade social e econômica do país. Esta é uma característica que remete à formação da nação, cujos produtos aqui produzidos, o modo como eram produzidos e o seu destino não cabiam aos produtores, os verdadeiros trabalhadores (povos autóctones e africanos submetidos à escravidão), mas aos colonizadores e as elites nacionais, desde partida internacionalizadas, que iam se constituindo. (RIBEIRO, 2006).

Isto foi o que sucedeu com decisão de se instaurar a plantation canvieira, a exploração dos veios auríferos, do café e da borracha de outrora, e, hoje, da soja, mas também do minério de ferro e da generalização da cultura do automóvel, rica absorvedora de petróleo e de seus derivados. A questão é investir a ciência de uma ética, mas também de uma estética. E, nesse sentido, a economia neoclássica, o *mainstream* da acumulação agroexportadora, é siamesa da fome, da pobreza e da miséria, destituída que é de qualquer pretensão ética, de qualquer compromisso com o bom e com o belo, mas principalmente com o bom porque o belo pode ser a justificativa para a apatia e para a permanência de tanta iniquidade. “Estética da fome [de Glauber Rocha] denuncia a fome como o pior de todos os irracionalismos devido ao processo substitutivo dos colonizadores ao longo da história.” (VASCONCELLOS, 2001, p. 109).

A fome é seguramente a pior das irracionalidades no campo da vida, da economia e, portanto, da gestão (ou sua ausência) coletiva dos recursos para a garantia da sobrevivência. A fome é produto da inexistência de uma preocupação coletiva no processo de distribuição da riqueza. É reflexo da irascível ganância que se sobrepõe às necessidades humanas. A “demanda” sobre a qual versam os tratados de economia é fictícia, pois não se trata da demanda histórica e socialmente constituída, mas apenas daquela que diz respeito ao contingente que é capaz de pagar pelas mercadorias. A fome que grita nos estômagos dos miseráveis e a silenciosa - e aparentemente harmônica - acumulação que garante o aumento das fortunas são peças da mesma engrenagem. A fantasia do preço de equilíbrio ocupa os economistas, movimenta os jornais e traz conforto aos burgueses, justificando o injustificável.

Assim como a fome dá origem e função ao burguês filantropo, muitas produções culturais e artísticas encontram, neles, diligentes financiadores. A burguesia desde sempre

devota o belo, o neutro, o indiferente. Mas trata-se de um belo estúpido, nauseante e feio; belo para quem? Nada promove, nada transforma, nada suscita além de emoções efêmeras e elogios grotescos e superficiais. Se incomoda com a denúncia, com os radicalismos e, por isso, encontra na crítica geral o seu ponto de apoio, uma crítica não crítica, uma crítica parcial, anódina e distorcida. Qual a arte do presente, qual a arte do futuro? O que a arte tem feito da política, e como a política tem invadido a arte? Não há mais razões para a luta pela terra? O que não há mais, terras ou homens sem-terra? E a luta pela terra urbana, pelo direito de viver, de não ter sua cabeça arrancada pela polícia num beco escuro de um morro qualquer do Rio ou de São Paulo. Onde fica esse direito? E o que dizer do fascismo à espreita ou, às vezes, tão declarado, límpido como o clarão de fevereiro?

Todo cuidado deve ser tomado no estudo do Brasil e de sua gente. Há muitas armadilhas no meio do caminho. Toda reserva é necessária quando se toma por base de análise o mundo europeu e o seu pretense universalismo. Mas também toda cautela é requerida quando nos impomos a tarefa de decifrar nossos particularismos, o que pode levar a um ufanismo ingênuo e ao enaltecimento de um exotismo, de um primitivismo que não existe, como fizeram muitos dos estrangeiros que por aqui passaram e puseram-se a falar sobre nós brasileiros. Importa considerar os ensinamentos desse grande antropólogo e educador brasileiro que foi Darcy Ribeiro: “Com efeito, surgindo no leito do cunhadismo, estruturando-se com base numa força de trabalho africana, o Brasil se configura como uma coisa diferente de quantas haja, só explicável em seus termos, historicamente.” (RIBEIRO, 2006, p. 226).

A configuração do povo brasileiro dar-se-á, segundo aponta Darcy Ribeiro, a partir de uma transfiguração de suas origens étnicas. Ou seja, a simbiose entre sangue, cultura, tradições e valores indígenas, africanos e europeus, obviamente sob domínio do homem branco e considerado civilizado, conduzirá a tal tipo de caldeamento sem precedentes, estabelecendo uma nova civilização nos trópicos. Essa transfiguração será a expressão humana do modo de ocupação do território, sua apropriação e suas formas de exploração. A questão agrária sem dúvida enfeixa uma miríade de problemas nacionais e responde por tantos outros tais como a urbanização, o caráter tardio da industrialização e a formação do operariado urbano.

Nesses termos, cumpre observar a insurreição de movimentos messiânicos ao longo do século XIX e limiar do século XX enquanto uma questão fundamentalmente política, associada ao modo de convívio entre o homem e a terra, neste caso, ao seu divórcio em relação à natureza, e, portanto, reflexo de um conflito social no âmago das relações sociais de produção. Da espera pelo messias fez-se presente a revolta, e de fé revestiu-se a luta pela

terra. Ainda que aparentemente incompreensíveis, as ligações entre o mundo concreto e aquele que serve de morada ao imaginário e à devoção encontram, nos movimentos messiânicos, importante forma de manifestação, senão que: “Realmente, todos os movimentos messiânicos que conhecemos [...] têm por meta algo de objetivo e prático, decorrente das dificuldades e tensões da vida social e visando a ultrapassá-las”. (QUEIROZ, 1960, p. 71).

Considerações derradeiras

Transposta, no tempo, a mitificação do mito-presidente ou do presidente-mito não passa de uma vulgarização mal ajambrada, e porque apenas política, mas não exclusivamente, da esperança, do imaginário e da fé que outrora levaram água ao moinho da devoção aos santos e beatos de norte a sul do país. São as crises, em seus momentos mais agudos, que fazem com que insurjam manifestações coletivas até então latentes, silenciadas porque politicamente insipientes, acomodadas porque socialmente anódinas. É preciso ter em conta que movimentos messiânicos de vulto, como os de Canudos e Contestado, guardavam relação com os acontecimentos políticos da recente república brasileira e, nesse sentido, encarnavam anseios de retorno à monarquia. Um dos motes do movimento de oposição à república consistia exatamente no rechaço aos princípios anticlericais preconizados em sua fundação.

Cumprir observar que a ascensão do mito-presidente ou presidente-mito se fez dentro de um contexto político e econômico assaz complicado, marcadamente caracterizado por alto desemprego, estagnação econômica e endividamento das famílias. Sua eleição se deu, ademais de seu rito-sacrifício-espetáculo-midiático de que foram protagonistas o então candidato e o autor de um golpe de faca, pela colisão entre a espera por mudanças radicais no curso da vida política nacional e as aspirações, de fundo nostálgico, pelo retorno do Partido dos Trabalhadores à presidência da república. A sorte estava lançada, como sob uma encruzilhada, local “onde os caminhos se cruzam [...] local dos demônios, chamados pelo poder rogatório, e dos deuses noturnos, sinistros e misteriosos”. (CASCUDO, 1988, p. 308).

E, assim, se fez o mito-presidente ou presidente-mito. Sacrificado, embora vivo, sagrou-se líder da nação. Engolfado, o povo foi aprisionado pelas tramas do poder e, no redemoinho da crise, no encontro dos ventos do passado e do futuro, traçou-se a sua encruzilhada. Tramou-se o destino, hipotecou-se a fé. E de redemoinhos e encruzilhadas, de atavismos e mistificações, segue trôpega, sofrida e esgarçada a já bastante combalida nação brasileira. E numa tarde ensolarada, como as tardes de *Deus e o Diabo na terra do sol*, o candidato foi esfaqueado. E o solo do Brasil, de água, terra e muito sol, foi banhado do

sangue que brotou das esperanças de seu povo. E do sangue de seu povo foram irrigadas as monoculturas, o contrário de sua fome e de seu padecimento.

Referências

ANDRADE, E. C. A democracia brasileira entre ratos e vampiros: relendo Lygia Fagundes Telles. **Estud. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 56, e5614, jan./abr. 2019.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

G1. “Osso é vendido e não dado”. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/10/05/alta-no-preco-da-carne-bovina-reduz-consumo-em-florianopolis.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2021.

HAGGE, W. O califa e as estrelas: considerações sobre a ideia de progresso em teoria econômica. In AMADEO, E. J. (org.): **Ensaio sobre economia política moderna: teoria e história do pensamento econômico**. São Paulo: Marco Zero, 1989.

MAUSS, M.; HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MONTEIRO, D. T. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: Fausto, B. (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. III. O Brasil republicano. 2. Sociedade e Instituições (1889-1930).

NEGRÃO, L. N. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **RBCS**, Vol. 16, n. 46, junho/2001.

QUEIROZ, M. I. P. de. Aspectos gerais do messianismo. **Revista de Antropologia**, 8(1), 1960, 63-76. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1960.110401>

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROCHA, Glauber. Eztetyka da fome. **Hambre**, set. 2013. Disponível em: <https://hambrecine.files.wordpress.com/2013/09/eztetyka-da-fome.pdf>.

ROCHA, G. **Deus e o diabo na terra do sol**. Brasil. Drama. Distribuição: Copacabana Filmes, preto e branco, 125 min.

VASCONCELLOS, G. F; BAUTISTA VIDAL, J.W. **Poder dos trópicos: meditação sobre a alienação energética na cultura brasileira**. São Paulo: Casa Amarela, 1998.

VASCONCELLOS, G. F. O cineasta Glauber Rocha e a América Latina. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 182-190, jan.-abr. 2017.

VASCONCELLOS, G. F. Nildo Ouriques, discípulo de Ruy Mauro Marini, detona os cipayos esclarecidos de São Paulo. **Rebela**, v.4, n.3. set./dez. 2014.

VASCONCELLOS, G. F. **Glauber Pátria Rocha Livre**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

XAVIER, I. **Sertão-mar: Glauber Rocha e a estética da fome**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.